



O meio ambiente no meio ambiente da TV brasileira: percursos histórico-discursivos

Ana Ângela Farias Gomes¹

Claudio Luiz Pereira²

Universidade Federal de Sergipe - UFS

Resumo

Este trabalho propõe uma investigação das interrelações entre a temática ambiental e a produção televisiva brasileira. O objetivo é traçar um panorama histórico das produções que tratam especificamente da questão ambiental, e perceber como o meio ambiente tem sido tematizado pela televisão ao longo do tempo. Ao mesmo tempo, perceber as correlações entre as transformações/significados que a temática ambiental vai passando e as operações discursivas implicadas. No período de pouco mais de 40 anos, transmutações são perceptíveis, chegando aos dias de hoje em um marcante investimento de programas que exploram as dimensões de subjetividade que envolvem a questão ecológica.

Palavras-chave

Televisão; Meio ambiente; Discurso; Ethos; Sistema.

Este artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla que investiga as interrelações que envolvem a temática ambiental e a produção televisiva nacional. Aqui, especificamente, o percurso percorrido é o sócio-histórico, isto é, trata-se de compreender de que modo o meio ambiente vem sendo tematizado pela TV brasileira ao longo das últimas quatro décadas. Tendo em vista o amplo leque de possibilidades de tematização dessa questão na grade de programação das mais diversas emissoras³, tem-se por foco os programas que se anunciam dedicados especificamente a tratar dessa questão. Diante disso, fazemos uma breve exposição sobre os caminhos trilhados pela temática ambiental no mundo, para em seguida visitarmos cada uma das décadas, de 1970 até agora, analisando as intervenções televisivas sobre ecologia no Brasil.

¹ Doutora em Ciências da Comunicação (Unisinos-RS), professora do Departamento de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), pesquisadora do Laboratório Interdisciplinar de Comunicação Ambiental (LICA). anaangelaufs@gmail.com

² Aluno de Audiovisual da Universidade Federal de Sergipe e bolsista Picvol do Laboratório Interdisciplinar de Comunicação Ambiental (LICA). cauluz@gmail.com

³ Em verdade, os mais diversos programas podem e tratam da questão ambiental, tais como os telejornalísticos, os infantis e os de entretenimento etc. Nossas preocupações, entretanto, são aqueles dedicados ao meio ambiente.



Uma das questões mais debatidas na era contemporânea, o meio ambiente entrou na pauta mundial a partir da década de 50 (em especial com o final da segunda guerra), foi ganhando força e espaço na década seguinte, mas é principalmente a partir dos anos 1970 que toma um vulto mais importante nos debates sociais, políticos e econômicos do Planeta. No contexto brasileiro, associações ambientalistas são criadas e algumas áreas do governo federal passam a demonstrar preocupação com temáticas que envolvem ecologia (Leis e Viola, 1996).

Marcou a questão ambiental estar por muito tempo quase que exclusivamente relacionada aos sistemas político, econômico e científico, o que levou a um atraso constitutivo em nossa cultura, onde preponderou a ideia de que meio ambiente em quase nada estava relacionado ao sujeito comum. A este, só pesou o prejuízo de catástrofes ambientais, isto é, ao indivíduo, no máximo, cabia o papel de vítima. Preservar a natureza, contribuir com o desenvolvimento equilibrado do Planeta, era quase sempre algo distante, mais relacionado às grandes esferas sociais, e quase nunca de responsabilidade mais direta do sujeito comum.

Esse quadro tem mudado, a reboque de outras mudanças que colocam a questão ambiental na centralidade da cultura contemporânea. Para Guerra et al (2007), essa ascendência vem ocupar um lugar esvaziado pelo fim (ou enfraquecimento) do embate entre socialismo e capitalismo:

Com a crise do socialismo na Europa, a hegemonização do capitalismo em quase todo o mundo, a polarização mencionada deixa de existir, abrindo-se espaço para que novos eixos de preocupação sócio-político-cultural emirjam. É nessa conjuntura que assistimos, desde o último quartel do século passado, a uma significativa hipertrofia do debate sobre visões de iminentes catástrofes ecológicas, que colocariam em risco a vida do homem no planeta. É nesse contexto que surgem as propostas de *salvação da Terra*, as quais incluem, entre outros pontos, a necessidade de implementar, mundialmente, um modelo de Desenvolvimento Sustentável. (GUERRA et al, 2007)

Latour (1994) afirma que é a partir do fim das experiências de socialismo real que ganha espaço, em nível mundial, a preocupação ecológica. Para Giddens (1996), o pensamento ecológico significa uma nova forma de crítica radical da vida social. As perspectivas desenhadas por esses pensadores se traduzem no que assistimos contemporaneamente: o meio ambiente é tematizado de modo a penetrar e se apresentar



relevante nas mais diversas instâncias sociais. Isso significa, entre outras coisas, que essa temática não está apenas nos debates entre sistemas sociais como o político e o econômico. A questão ambiental está fortemente presente, portanto, no cotidiano do sujeito ordinário.

Silva chama de “habitus sócio-ambiental” essa disponibilidade coletiva voltada para “padrões comportamentais, perceptivos, representacionais e simbólicos que estão ancorados numa dimensão prática e interativa das relações sociais” (SILVA, 2006 p. 229). O que se vê, portanto, é um processo de transformação da questão ambiental no que tange aos territórios por ela ocupados: dos grandes sistemas sociais até uma ampliação para o mundo vivido. Observa-se, portanto, um processo de reflexividade em torno da temática ambiental, construtor de um ethos ambientalista, propositor de novas formas de relação social.

No começo, o “monstro das mil faces”

Tendo em vista o papel das mídias nos dias de hoje, entendemos que todo esse processo de transformação ocorre também de forma mediatizada, ou seja, com o apoio e a participação das mídias. Nesse sentido, passamos a analisar do ponto de vista histórico os discursos que mobilizam as intervenções televisivas sobre a questão ambiental, tendo por foco aqueles programas dedicados prioritariamente à questão ambiental. Dessa forma, temos como compreender o papel exercido pela TV brasileira na produção e reprodução de significações sociais no que tange à questão ambiental.

A televisão tem-se constituído um sistema social autonomizado, realizador de operações que mobilizam discursos e produzem sentido social. “Heterorreferencial⁴ por sobrevivência e auto-referencial por excelência, ela nos oferta vinte e quatro horas por dia construções de mundo” (GOMES, 2008 p. 77). A TV opera gramáticas discursivas que reduzem a complexidade do mundo retornando aos indivíduos uma segunda realidade, construída pela lógica e a intervenção televisiva.

No contexto brasileiro, o primeiro programa televisivo dedicado ao meio ambiente foi *Amaral Netto – O Repórter*, na Rede Globo de Televisão, que começou a

⁴ A heterorreferencialidade, segundo Luhmann (2005), diz respeito ao mecanismo de relação de um sistema com o meio. Trata-se do modo como um sistema se relaciona com o que lhe é externo.



ser exibido ainda em 1969. Segundo Andrade (2003), precariedade técnica, belicismo e ideologização⁵ marcaram essa experiência, que chegou às telas justamente quando a Globo instala seu formato de funcionamento em rede, amplificando o modo centralizado de emissão de informações e fragilizando as experiências regionais televisivas.

O programa ocupava horário nobre na programação (noites de sexta, após a novela das oito) e tinha um formato que misturava o documental e o jornalístico. A natureza mostrada por Amaral Netto tinha acima de tudo feições selvagens: era longínqua, distante da realidade cotidiana da maioria dos indivíduos, e potencialmente perigosa. Os títulos dos episódios denunciavam essa perspectiva sobre o meio ambiente: *Pororoca, o monstro das mil faces* e *Atol das Rocas, ilha do nada*.

Amaral Netto, em suas andanças pelo país, trouxe como um viajante moderno relatos de lugares distantes que não mantinham ligação direta com seus espectadores. (...) ele trazia notícias de coisas que não estavam sujeitas a uma pronta verificação. (ANDRADE, 2003 p. 72)

Defendemos a perspectiva de autor como faz Foucault: “(...) não como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de sua significação, como foco de sua coerência” (FOUCAULT, 1992, p. 26). Segundo Foucault, investigar a autoria facilita uma avaliação sobre os *privilégios do sujeito*, indagando as condições e as formas que regem o seu aparecimento na ordem dos discursos: “(...), trata-se de retirar do sujeito (ou ao seu substituto) o papel de fundamento originário e de o analisar como uma função variável e complexa do discurso” (FOUCAULT, 1992, p. 70).

Nesse sentido, além de propor uma representação do meio ambiente como algo distante, no papel de “desbravador” Netto evocava para si e para a própria televisão (tendo em vista a noção polifônica do discurso proposta por Foucault), a ideia de que a TV era aquele mecanismo capaz de levar o telespectador ao “mundo lá fora”. Trata-se da televisão como “janela para o mundo”, descobridora e constituidora de cultura, e por isso, detentora de alto grau de poder.

Duas experiências na TV Bandeirantes, durante a década de 80, trouxeram novas representações sobre a questão ambiental, embora a perspectiva de uma natureza

⁵ Amaral Netto também exerceu carreira política como deputado federal pelo PDS, partido que apoiava a ditadura militar, entre os anos 60 e 80.



presente principalmente em locais pouco habitados e afastados das grandes cidades ainda tenha sido a tônica. Em *Nossa Amazônia*, uma minissérie documental contou com a direção do cineasta Cacá Diegues e roteiro do antropólogo Roberto da Matta. Nos cinco episódios que foram ao ar, a marca estava no aprimoramento estético e intelectual, o que resultou numa cobertura menos ideologizada.

Outra marca importante dessa obra estava no fato de ser uma produção independente, isto é, produtores de audiovisual realizavam parceria com a Bandeirantes, entrando com o programa pronto e a emissora, com o espaço na programação. Nesse tipo de acordo, o lucro com anunciantes é dividido entre as duas partes. Uma iniciativa positiva para o mercado de produção televisiva, visto que profissionais fora do circuito de contratados das emissoras têm a possibilidade de produzir conteúdo e exibi-lo em grandes canais abertos, reduzindo o monopólio de produção de conteúdo.

Foi também nesse esquema de produção independente que a Bandeirantes abriu espaço para o *Meio Ambiente Urgente*. A experiência durou apenas alguns meses, mas trouxe algumas inovações, como a afirmação de um formato jornalístico, o que levou a um espaço aberto para a possibilidade de denúncias sobre agressões ao meio ambiente. Outro dado singular do programa é que ele foi feito com financiamento da Associação Brasileira de Engenharia Sanitária (ABES), entidade com atuação histórica marcada pela defesa do meio ambiente e independência política.

Diante de um formato que permitia a denúncia de crimes ecológicos, a representação discursiva via televisão sobre o meio ambiente ganhou novos contornos, visto que a interrelação entre o tema e contexto sócio-econômico passou a ser pontuada. “Meio ambiente”, então, deixa de ser algo distante e muitas vezes selvagem como buscou mostrar Amaral Netto, alimentando um conceito apolítico sobre o termo. Por meio dos recursos de um jornalismo investigativo e/ou denunciatório, a TV passou a mostrar que a estrutura política e econômica do país interfere diretamente nos rumos ambientais.

O primeiro programa sobre meio ambiente em uma TV pública brasileira foi o *Baleia Verde*, na TV Educativa. No ar no final da década de 80, durou apenas um ano, mas também trouxe inovações que requalificaram a questão ambiental. Também uma produção independente, *Baleia Verde* era um misto de jornalismo e entretenimento. Do



primeiro formato, tirou recursos para também denunciar crimes ecológicos, que foram desde a poluição de rios pela indústria até a ausência do Estado na limpeza das cidades e no correto uso dos resíduos sólidos.

Na parte de entretenimento, trazia videoclipes e entrevistas com os artistas. No programa com a participação de Tom Jobim, músicas do maestro surgiam em trechos cobertos por imagens do Jardim Botânico, entrecortadas pela entrevista com o artista, que exaltava a importância da preservação ambiental como única saída para o planeta Terra. Dessa forma, se o formato jornalístico emprestava credibilidade ao programa para confirmar seriedade às denúncias, a parte de entretenimento proporcionava uma legitimação do discurso ecológico por meio da presença dos artistas.

Havia, pois, o que Luhmann (2005) denomina de acoplamento estrutural, quando um sistema estabelece elos relacionais com outros sistemas e se acopla a determinadas instâncias e/ou temáticas (carregadas de sentido), de modo a trazê-las para dentro de si. Nessa perspectiva, a televisão se apropria de determinados valores carregados de sentido e os utiliza em proveito próprio, de modo, muitas vezes, a amplificar sua atuação, ou mesmo garantir mais credibilidade.

Ainda na década de 80, a TV Manchete inaugurou duas experiências de produção independente sobre meio ambiente. Na primeira, *Amazônia, paraíso em perigo*, um documentário marcado pelo apuro técnico, víamos os problemas que a Amazônia já registrava naquela época. A segunda, *Terra Azul*, trazia a apresentadora Paula Saldanha, até então identificada com programas infantis (Globinho) na Rede Globo. Saldanha veio a seguir uma trajetória na televisão brasileira inaugurada por Amaral Netto, que é a de ter apresentadores identificados especificamente à cobertura ambiental.

Nos dias de hoje, podemos citar André Trigueiro, apresentador do Cidades & Soluções na Globo News. O que liga/reúne esses apresentadores está numa atuação que de certa forma vai além da própria TV, o que configura, guardadas as devidas proporções, meio militante da “causa” ambiental.

Terra Azul era um misto de jornalístico-documental, que trazia tanto denúncias, quanto a cobertura de um meio ambiente representado ainda predominantemente por fauna, flora e territórios (Atol das Rocas, Abrolhos, Amazônia etc.). Nos dias de hoje,



uma reedição do *Terra Azul*, com a mesma equipe de produção e tendo Paula Saldanha à frente, vai ao ar na TV Brasil. *Expedições* tem o mesmo formato de seu antecessor, o que significa que alimenta essa noção de meio ambiente ainda limitada, visto que distante do mundo vivido no cotidiano, por exemplo, das grandes cidades.

Jornalismo e longevidade

A década de 90 registra um aumento nos debates diversos sobre a questão ambiental. Não por acaso, é justamente nessa década que surgem na televisão brasileira os dois programas sobre meio ambiente mais longevos: *Globo Ecologia* e *Repórter Eco*. Produzido pela Fundação Roberto Marinho, o *Globo Ecologia* é uma produção independente sob outros moldes. A equipe é de uma produtora de vídeo contratada, mas equipamentos e decisões sobre o conteúdo saem da própria Globo. O programa vai ao ar todos os sábados em horário de baixíssima audiência, antes das sete horas da manhã. Nos últimos anos passou a ser reprisado em horários diversos pelo Canal Futura, outra iniciativa da Fundação Roberto Marinho.

Este programa traz já em seu nome a marca da auto-referencialidade da Globo. Segundo Luhmann (2005), a auto-referencialidade é uma das mais importantes estratégias de fortalecimento de um sistema social. No caso do sistema televisivo, alimentar o culto à imagem institucional e ao próprio nome da emissora se revela uma relevante ação auto-referencial. Na paisagem televisiva nacional, em especial a dos canais abertos, a Globo se destaca com a realização de diversas intervenções auto-referenciais.

No caso do *Globo Ecologia*, outro dado de auto-referencialidade está no circuito de apresentadores que sempre esteve à frente do programa. São todos atores da emissora, o que significa que são celebridades cuja imagem está diretamente relacionada à emissora. Esse sentido já foi tratado em trabalho anterior sobre a Globo e a tematização de questões sociais:

Observa-se aí uma operação essencialmente autopoiética, pois ser celebridade qualifica para dar visibilidade a questões sociais e questões sociais, por seu turno, ganham em qualificação ao serem apresentadas por celebridades. Lembrando que é a própria Globo que em muito contribui na definição sobre quem são as celebridades da hora, percebe-se uma retroalimentação processual: ela torna o



indivíduo celebridade, essa celebridade ganha respaldo por tratar de temáticas sociais, ao mesmo tempo em que essas mesmas temáticas saem ganhando por se tornarem visíveis graças a essas celebridades. (GOMES, 2008 p. 134)

Apesar da presença central de uma celebridade, o *Globo Ecologia* tem formato jornalístico e goza, claramente, de certa liberdade de pauta ausente dos demais telejornalísticos da mesma emissora. O tom emprestado à questão ambiental é de contextualização sócio-econômica e, muitas vezes, de denúncia. As questões apresentadas têm muitas vezes seus aspectos sociais, políticos e econômicos explorados.

Já o *Repórter Eco*, produzido pela TV Cultura há 18 anos (vai ao ar no final das tardes de domingo), dedica-se a informar os telespectadores sobre ecologia, em um formato que a própria produção do programa chama de “revista semanal”. Em termos de gênero televisivo, o programa dá ênfase ao jornalismo, buscando tratar de sua temática central com profundidade. Divulga projetos, ações e pesquisas científicas cujos resultados apontam para a melhoria da qualidade de vida. Segundo o site do programa, o objetivo é “prestar um serviço público e ainda informar sobre os principais temas ambientais da atualidade”.

Lia de Souza, jornalista responsável pelo programa desde a sua criação, explica que em certo momento, foi necessária uma guinada:

O programa, como toda questão ambiental, passou por uma reformulação. A gente antes trabalhava muito mais o dia-a-dia, o que acontecia, e hoje tem que trabalhar só com propostas de soluções, voltadas mais para ONGs que estão fazendo alguma coisa, para soluções individuais, pessoas que estão trabalhando no cantinho delas, aquela coisa de agir localmente pensando globalmente... enfim, em propostas que mostrem que todas as questões ambientais têm soluções. (IMPrensa E MEIO AMBIENTE, 1996 p. 22)

Segundo Bauman (2001), vivemos o tempo onde a “política” se transforma em “políticas da vida” e onde o nível “macro” dá lugar ao “micro” do convívio social. O sistema televisivo, ao abordar o ambientalismo, segue antenado a essa tendência que prioriza o nível “micro”, que é o da vida cotidiana, de uma proximidade radical ao universo de cada cidadão. Essa mirada, se consubstancia, a nosso ver, na construção de um novo ethos cujas bases está na questão ecológica.



As observações sobre o significado da questão ambiental nos dias de hoje apontam para uma relevância às transformações que partem do indivíduo em direção ao mundo, o que em essência transforma também a visão do homem sobre o seu papel na sociedade e, por consequência, o lugar da política nisso tudo. A construção de um novo ethos traz fortes consequências sociais e é, ao mesmo tempo, um retrato de nosso mundo contemporâneo, com todos os desafios que enfrenta.

A demanda pela apresentação de “soluções” tem estado cada vez mais presente nos programas televisivos dedicados à temática, como é o caso, por exemplo, do *Cidades e Soluções*, no ar nesta última década no canal por assinatura Globo News. Apresentado pelo jornalista André Trigueiro, o programa tem como uma de suas maiores qualidades uma ampla visão sobre o meio ambiente, clara em pautas que interrelacionam a questão ambiental com temáticas como formação de público para o cinema brasileiro, ONGs e inclusão social, terceira idade no Brasil, bicicletas e ecoturismo.

Contando com a estrutura do telejornalismo da Globo e Globo News, o programa, sempre que necessário, traz matérias produzidas em diversas partes do mundo e, quando é o caso, age de acordo com o calor dos acontecimentos e apresenta um formato ao vivo, como foi o caso recente durante a catástrofe das chuvas no Rio de Janeiro. André Trigueiro, por sua vez, atua como ativista ambiental, tanto na apresentação e direção do *Cidades e Soluções*, como também no papel de comentarista sobre a temática na rádio CBN (também do grupo Globo) e na autoria de livros sobre o assunto. O jornalista mantém ainda um site, o www.mundosustentavel.com.br, e viaja pelo Brasil em palestras que alinham ecologia e espiritismo.

Reality entre dramas e subjetividades

Nossas observações nos levam a crer num duplo movimento da TV brasileira nos dias de hoje em relação à questão ambiental: a valorização dos aspectos cotidianos e subjetivos do tema e, ao mesmo tempo, o investimento em formatos discursivos que ofertem, de algum modo, soluções para os problemas apresentados. Se esta já é, em alguma medida, a perspectiva do *Cidades e Soluções*, é ainda mais o caminho perseguido por quatro programas bem contemporâneos: *Vivendo com Ed* e *Um mundo*



pra chamar de seu, do canal a cabo GNT, *Mudança Geral* (quadro do *Fantástico*, da TV Globo) e *Ecoprático*, da TV Cultura.

Outro fato relevante reúne todos esses programas, que é a opção pelo formato discursivo do reality show. *Um mundo pra chamar de seu*, que foi ao ar em 2008 e 2009, é entre os quatro, o que menos se identifica com o formato “canônico” do reality, mas que mesmo assim explora a gravação e exibição de cenas cotidianas tal qual uma “invasão” na vida privada dos indivíduos em foco nos episódios. O programa é um híbrido de jornalismo e entretenimento, mistura que já se faz clara desde a formação de seus apresentadores – uma jornalista (Rosana Jatobá, “garota do tempo” do Jornal Hoje, da Globo) e um ator (Daniel Dottori). A proposta do programa é mostrar a importância de mudanças de hábito para a preservação do planeta. O casal de apresentadores visita pessoas comuns dentro dos mais diversos contextos (viagens de férias, convivência em condomínios, obras e reformas etc.) e junto com elas vão debatendo o que está sendo feito corretamente e o que precisa ser consertado do ponto de vista ecológico. Segundo os idealizadores do programa, o objetivo é identificar oportunidades para adotar atitudes mais sustentáveis.

O programa de produção inglesa *Vivendo com Ed*, anterior ao *Um mundo pra chamar de seu*, parece ter lhe servido de inspiração. O personagem Ed, que é real, visita a casa de diversas pessoas para debater com elas como deixá-las mais ecologicamente corretas. O tom de reality show é grande, evidente em pontos como a exibição da discordância e indisposição da esposa de Ed em relação a atividades que eles precisam realizar por conta do programa.

Dramas de ordem privada mostrados às claras, via tela da TV, é um recurso dos mais utilizados nos reality shows. Este foi o caso do quadro *Mudança Geral* dedicado à questão ecológica, dentro do programa *Fantástico*. Ele mostrou ao longo de quatro domingos as idas e vindas de uma família de classe média baixa que passa a receber orientações sobre como se tornar mais ecologicamente correta. Como autêntico reality show, o quadro deu conta de levar a vida privada para uma “praça pública” via tela da TV. A exploração dos conflitos familiares foi tanta que muitas vezes as orientações ambientais se perdiam em meio a elas.



Programas como esses citados - incluindo o *Ecoprático* - trazem para si uma proposição própria de um universo midiaticizado: para além dos apresentadores ou mesmo do próprio programa, quem “conserta” ou “melhora” a vida das pessoas do ponto de vista ecológico é a televisão. No caso do *Ecoprático*, por exemplo, são dois apresentadores (Anelys Assunção e Peri Pane) que visitam dez lares sediados na cidade de São Paulo. O objetivo do programa é levantar os problemas ambientais das casas, discutir abertamente isso com os moradores e consertar o que for possível.

De todos os programas que analisamos até agora, o *Ecoprático* traz singularidades relevantes no contexto da produção televisiva sobre meio ambiente. Em primeiro lugar, por ser o primeiro reality show de uma TV pública nacional. A TV Cultura, que historicamente se dedica a abordar a questão ambiental, trata agora de investir numa antiga temática através de um formato discursivo profundamente identificado com a televisão comercial, que é o reality. Seu desafio, portanto, é utilizar-se desse padrão discursivo para tentar propor um ethos ambiental, isto é, uma outra forma de enxergar a sociedade, as relações sociais e a si próprio.

No começo de cada episódio os apresentadores explicam que uma equipe do programa já visitou a casa em foco e que se baseou nos “eco-critérios”, que são dez pontos relacionados à sustentabilidade: ecossistema, energia, água, alimentação, resíduos, estrutura, transporte, consumo, atitude, bem estar. É a partir daí que o programa vê a possibilidade de propor as melhorias para aquela residência. O programa determina as bases – éticas e cológicas – sob as quais terá o poder de adentrar a vida privada das pessoas, julgar suas condições de existência, e provocar mudanças de comportamento. Tal “ocupação” do televisivo na casa alheia é consentida por seus próprios moradores. Entretanto, a ordem discursiva estabelecida deixa rastros de uma relação assimétrica entre sistema televisivo (representada pelos apresentadores, especialistas⁶ e o programa em si) e moradores, que estão ali prontos a receber uma “lição” sobre os modos errados como conduzem suas próprias vidas.

Tal relação assimétrica, somada à proposição dos dez eco-critérios, apontam para um exercício auto-referencial da televisão: tendo captado do meio a demanda

⁶ Além dos apresentadores, o programa tem dois personagens identificados como “especialistas”: Maria Zulmira, a Zuzu, jornalista, especializada em sustentabilidade e, segundo site do programa, sintonizada com o que acontece hoje no planeta e Francisco Lima, o Xico, “arquiteto sustentável até o teto”, especialista em permacultura e construções sustentáveis. “É ele quem define as transformações físicas das casas”, informa também o site.



social por sustentabilidade, a redefine e a retorna ao meio sob as suas lógicas. Vê-se, portanto, a instauração de uma realidade própria (ao sistema televisivo) que “retorna” ao mundo vivido como valor comum, comunitário. Tal constatação não pretende emitir juízo de valor sobre os eco-critérios e toda a perspectiva ambiental do programa, mas detectar o modo de funcionamento discursivo do *Ecoprático*, cuja relevância está na sua capacidade de propor novos vínculos sociais por meio de parâmetros sócio-ambientais.

A escolha por debater meio ambiente a partir da vida privada traz questões importantes a serem pensadas. A perspectiva sobre o tema ecologia trabalhada pelo programa é complexa, pois foge ao reducionismo que se limita à simbólica de simplificação a “animais e plantas”, que retira do homem o papel de participante desse território chamado “meio ambiente”. Na perspectiva proposta pelo programa, homem e meio ambiente são indissociáveis, e mais: uma forma respeitosa de trato com esse meio requer uma mudança na percepção subjetiva de cada um. São transformações de essência e, nesse sentido, simbolicamente, nenhum *locus* poderia se encaixar melhor para território disso do que a casa – espaço uterino de vivência, de onde partem valores e práticas sociais rumo à rua, ao “resto do mundo”.

Há aspectos sócio-econômicos que envolvem e em muito determinam hoje a questão ambiental. O formato reality investe tanto na necessidade da transformação pessoal, que acaba por apagar as marcas constitutivas da questão central em debate, que é a ecológica. Em um mundo televisivo ideal, ou “o melhor dos mundos” em termos de televisão brasileira, o meio ambiente deveria ser abordado a partir de suas implicações diversas e complexas: da responsabilidade individual, da base ética que envolve tudo e dos aspectos sócio-econômicos determinantes. Por enquanto, o sistema televisivo ainda tateia, experimentando formatos, tematizando o meio ambiente, na maioria das vezes, de modo fragmentando. Mas mesmo assim, podemos afirmar que desde o tempo do “monstro das mil faces” de Amaral Netto, já amadurecemos muito.



Referências

- ANDRADE, Thales Haddad. **Ecológicas manhãs de sábado: o espetáculo da natureza na televisão brasileira**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2003.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Porto: Veja, 1992.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.
- GOMES, Ana Ângela Farias. **A mediação do social – Globo e Criança Esperança tematizando a realidade brasileira**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.
- GUERRA, Lemuel Dourado [et al]. **Ecologia política da construção da crise ambiental global e do modelo do desenvolvimento sustentável**. Interações (Campo Grande), Campo Grande, v. 8, n.1, 2007.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- LEIS, Héctor & VIOLA, Eduardo J., 1996. **A emergência e evolução do ambientalismo no Brasil**. In: Leis, Héctor. **O labirinto: ensaios sobre ambientalismo e globalização**. São Paulo: Gaia; Blumenau, SC: Fundação Universidade de Blumenau, 1996.
- LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005.
- SILVA, Sérgio Luiz P. **Habitus sócio-ambiental: elementos de compreensão da representação ambiental**. Política & trabalho: Revista de Ciências Sociais. São Paulo, n. 25, outubro de 2006 .